

RECHAÇO E ACOLHIMENTO SIMBÓLICO DE ETNIAS SOCIALMENTE EXCLUÍDAS NO ESPAÇO FUNERÁRIO

ELAINE MARIA TONINI BASTIANELLO*

Bagé uma cidade de fronteira e seus cemitérios

Neste ano de 2011 a cidade de Bagé, fronteira com o Uruguai estará completando 200 anos de urbanidade e abordar a temática da morte e respectivamente seus cemitérios significa contar a História desta cidade. Analisar o cemitério é examinar a história do cotidiano e as transformações acontecidas nesta sociedade.

A cidade teve como primeiro espaço de sepultamento a Catedral de São Sebastião¹. Além desse espaço de inumação a cidade contou com mais três outros locais para enterrar seus mortos, mas todos esses espaços se tornavam pequenos, pois a cidade de Bagé se desenvolvia rapidamente com a chegada do imigrante europeu.

Portanto a Câmara Municipal desta cidade sempre teve a frente dessas mudanças do espaço mortuário, pois em todas as épocas foi esta que deliberou sobre os cemitérios públicos. No ano de 1858, finalmente foi inaugurado o quinto espaço de sepultamento da cidade, ou seja, o quarto cemitério central de Bagé² (Figura1) que se consagrou como definitivo: o *Cemitério da Santa Casa de Caridade*.



Figura 1: Visão frontal do conjunto do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé/RS
Acervo: Fototeca Túlio Lopes, do Museu D. Diogo de Souza

* Graduada em História pela UFSM; Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela UFPel; Membro da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) e membro do NPHTT (Núcleo de Pesquisa Histórica Tarcísio Taborda).

¹ Tanto o espaço interno como o espaço externo desta catedral, serviu como local de enterramento, mas dentro da ótica higiênista da época esta edificação foi substituída por outra e fundou-se então o primeiro espaço de sepultamento de Bagé na Rua General Osório, esquina com a Rua 3 de Fevereiro.

² O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé é datado de 1858, sendo tão antigo quanto o Cemitério da Consolação da cidade de São Paulo.

Este novo local era todo cercado por um muro (Figura1), para proteger os restos mortais que para lá fossem e ao mesmo tempo escamotear a morte do mundo dos vivos. Um funcionário deveria proteger o espaço dos saqueadores de túmulos. Deveria também ter uma entrada principal e uma capela com o objetivo de tornar este local sacro.

No contexto de racionalização e higienização urbana do século XIX, os cemitérios, localizados dentro da área urbana, foram deslocados do convívio com os vivos para outro espaço sepulcral, inicialmente distante, público e não mais eclesiástico. Assim, em 1858, inaugurou-se o cemitério público da *Santa Casa de Caridade de Bagé*. O novo espaço funerário abrigou as ossadas dos antigos cemitérios centrais, repetindo o processo ocorrido em Paris. (FOUCAULT, 1996. ÀRIES, 1989)

A partir de meados do século XIX, iniciou-se a separação efetiva entre a Igreja e o cemitério. Contudo, essa separação concretizou-se tão-somente com a implantação da República, quando o Estado tornou-se laico, no final daquele século. Nestas circunstâncias, percebe-se que existiu uma articulação entre a criação de novos espaços públicos fúnebres e a prevenção a doenças epidêmicas. Esse profundo deslocamento foi pensado e concretizado por intelectuais, políticos, em consonância com a mentalidade orientada pelo discurso higienista, que reurbanizava as cidades e os espaços cemiteriais através de políticas públicas com a intenção de excluir do convívio dos vivos qualquer tipo de poluente que pudesse gerar doenças. Tal mudança de atitude para com os mortos evidencia o anúncio de novos tempos, em que se priorizava a vida e não a morte. Aos mortos restou meramente o novo espaço público e o silêncio.

Estudar estes sepultamentos significa conhecer o deslocamento da mentalidade sobre a morte. Neste sentido, as práticas de enterramento foram fundamentais quanto às transformações fúnebres, pois desencadearam uma mudança, originando os cemitérios.

O gerenciamento do *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé, que originalmente estava a cargo da irmandade conjunta de São Sebastião e do Santíssimo Sacramento, foi passada à responsabilidade do *Hospital da Santa Casa de Caridade* local, situação que permanece até o presente (TABORDA, 1973). Além de ambos terem o mesmo nome, o hospital possui uma concessão para administrar o cemitério, conforme reza o *Código de Posturas Municipal*, Livro XXI (*Dos cemitérios*), Art. 360.³

³ “Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ressalvada a concessão feita à Santa Casa de Caridade, no que se refere ao cemitério municipal desta cidade” O *Código de Posturas* é uma Lei Complementar, que deve observar a determinação da *Lei Orgânica do*

A planta baixa do *Cemitério da Santa Casa de Caridade* não pode ser encontrada, em razão da escassez de documentos, decorrente do incêndio havido na sede da funerária responsável pela administração.

O rechaçamento de José Bruschvig

No ano de 1877, no *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé*, aconteceu um caso inusitado. Nesta época, a *Primeira Divisão* era o único espaço sepulcral da cidade. Um imigrante foi proibido de ser sepultado neste local, como nos narra (ROTERMUND, 1981). Seu túmulo foi edificado fora dos muros que então delimitavam o espaço cemiterial, atrás da capela. Esta área, mais tarde, foi abarcada pelo avanço do cemitério, constituindo-se hoje, ironicamente, um lugar privilegiado. Portanto, na época, foi uma sepultura banida do espaço oficial de inumações. Por descaminhos do destino, estando hoje ao centro, encontra-se próxima daqueles que, à época, o rechaçaram.

Este caso de sepultamento além-muro significa que, naquele momento do século XIX, a administração do *Cemitério da Santa Casa de Caridade*, a cargo das irmandades, vedou ao falecido o direito de enterramento de seu corpo no interior do espaço sagrado. Por quê? Tratava-se de um imigrante de origem francesa, de fé judaica, chamado José Brunschvig.

O fato inesperado ocorreu na hora do sepultamento, conforme observa (SAIS, 1984): “o corpo do referido cidadão, depois de cumpridas as formalidades legais e as cerimônias fúnebres, foi conduzido ao campo santo, para descanso em paz”. O pesquisador observa ainda que este fato acarretou desagradáveis conseqüências:

José Brunschvig não poderia ser sepultado na necrópole, visto que, sendo judeu, um herege, um anticristão, macularia a terra do cemitério, dirigido e orientado por uma congregação religiosa (...), o corpo de José estava insepulto! Havia necessidade de uma decisão urgente e as partes concordaram. A irmandade deu a concessão de que o corpo de José - o judeu - fosse dado à sepultura do lado de fora do cemitério, além do muro que delimitava o campo santo.

Seria esta uma situação inesperada ou previsível? Na verdade, fatos semelhantes ocorreram, na mesma época, em outras regiões do país. No dia 12 de agosto de 1856,

Município, promulgada pela Câmara de Vereadores em 17 de julho de 1971.

não se permitiu o enterramento do corpo do imigrante inglês Henrique Ellery no cemitério São Casimiro, no Ceará (BATISTA, 2002). Apesar de ele ter professado a fé católica poucos anos antes, o vigário local não se deu por convencido, negando-lhe assim o direito ao enterro. Portanto, Ellery e Brunschvig, ambos imigrantes não católicos, em um país cuja constituição apregoava a liberdade religiosa desde 1824, não tinham direito, do ponto de vista eclesiástico, a serem enterrados no campo santo. Lembremos que era necessário que o cemitério fosse bento por um padre católico para que pudesse funcionar.

Vemos então que, mesmo após a proibição das inumações no interior e entorno dos templos católicos, que supostamente retiraria poderes da Igreja sobre a morte transferindo-os para a esfera do Estado, na prática a Igreja católica mantinha seu poder de decisão sobre as exéquias, inclusive após a data destes acontecimentos. Assim, considerava-se que judeus, pagãos, “acatólicos”, apóstatas e excomungados, além de suicidas, não mereceriam o enterramento no interior do campo santo. Procurando modificar esta realidade, em 1888, realizou-se, na capital do Ceará, o *Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense*, onde se expressa a preocupação para que se torne possível o enterramento de pessoas que não mereceriam a sepultura eclesiástica. (BATISTA, 2002)

É interessante observar que, passadas 4 décadas, no ano de 1918, Jaime Mold, judeu, pôde ser enterrado no interior da Primeira Divisão, permitindo-se inclusive que afirmasse sua fé religiosa através do ícone identitário, a estrela de Davi, representada sobre a lápide.

A exclusão aplicada sobre o corpo “infiel” de Brunschvig pode ser analisada como uma forma de denúncia, no sentido trazido por (VALLADARES, 1972), de rejeição ao sepultado: “A denúncia e o protesto no túmulo é uma forma de vingança, o modo de a vingança sublimar-se uma vez realizada na pedra e cal. O cemitério significa a praça pública, o lugar ideal para a vindita perenizar-se na exprobração”. Excluir Brunschvig desse espaço público mortuário significava dar ao morto a identidade de subclasse (a exclusão da identidade hegemônica, a identidade católica) por ser excluído do espaço social em que as identidades são de certa forma, buscadas, escolhidas, construídas e avaliadas.

A exclusão do corpo de Brunschvig, um judeu, mostra-nos que, por detrás de toda a diversidade étnica contida no interior dos muros da *Primeira Divisão do Cemitério da*

Santa Casa de Caridade de Bagé, pairava, acima, um sentido de profunda unidade religiosa, a fé cristã, e, mais que isso, católica, professada pelos imigrantes luso-brasileiros, espanhóis, italianos e franceses.

No entanto, esta exclusão não foi algo pacífico na sociedade da época, pois muitos defendiam o seu direito ao enterramento, tanto que seu túmulo foi encomendado por amigos seus. Esse fato gerou uma polêmica entre os que não permitiam seu sepultamento dentro do cemitério e os que entendiam que todo o corpo humano merecia ser respeitado independente de origem étnica e religiosa. Assim, (SAIS, 1984) aponta ainda que “o consulado francês deve ter sido solicitado a intervir, já que a pedra de mármore, que ainda permanece no túmulo, tem a seguinte inscrição: ‘Homenagem ao súbdito francês José Brunschvig’, falecido a 3 de setembro de 1877” (Figura 2). Esta tensão nos remete ao ambiente da Questão Religiosa, que abalou o Império, entre os anos 1872 e 1875, repercutindo em várias regiões do país, ao colocar em cheque a aliança entre o Estado imperial e a Igreja católica.

O túmulo construído para abrigar o corpo de José Brunschvig (Figura 3) é de fácil identificação, por sua sepultura ser toda branca, caída, com formatação arquitetônica exclusiva (um sarcófago em destaque), dando impressão de total solidez.

O túmulo de José Brunschvig ficou conhecido como o túmulo do judeu, sendo hoje um dos mais visitados deste cemitério.



Figura 2: Lápide do túmulo de José Brunschvig.
Autoria: Elaine Bastianello, 2010.



Figura 3: Túmulo de José Brunschvig.

Autoria: Elaine Bastianello, 2007.

Ao mesmo tempo em que Brunschvig foi rechaçado do espaço mortuário, é interessante observar que este mesmo cemitério, na década seguinte, veio a acolher um representante de outra etnia excluída na sociedade racista da época. Trata-se do sepultamento do personagem conhecido como Preto Caxias, ao qual proporcionou-se ademais um enterramento em lugar de destaque.

O acolhimento de Maximiliano Domingos do Espírito Santo

Maximiliano Domingos do Espírito Santo ficou popularmente conhecido em Bagé pelo apelido de Preto Caxias⁴ (Figura 4). Era natural da cidade do Rio de Janeiro e veio para o Sul como soldado do 8º batalhão de infantaria, obtendo baixa do serviço do exército, por conclusão de tempo, em 1847, e fixando residência nesta cidade (REIS, 1911).



Figura 4: Maximiliano Domingos do Espírito Santo⁵

Autoria: Elaine Bastianello, 2010.

⁴ Esse apelido atribuído a Maximiliano do Espírito Santo (Preto “Caxias”) é uma referência à bondade e às virtudes do então Duque de Caxias.

⁵ O quadro de Preto Caxias encontra-se atualmente exposto numa galeria de fotos de beneméritos da Santa Casa de Caridade de Bagé. (SALIS, 1955) nos conta que este quadro foi mandado executar por um grupo de amigos, encomendado a um artista residente em Porto Alegre, em 1876, sendo uma forma de homenagear em vida este homem, tido como um benfeitor da humanidade.

Este soldado, assim que deu baixa, “procurou aperfeiçoar-se como enfermeiro, pois tinha noções da profissão adquirida no exercício da carreira militar” (SAIS, 1984). Desta forma, passou sua vida como enfermeiro, da Santa Casa, implorando pela caridade, a fim de diminuir a dor dos carentes; ali também desempenhou a função de zelador até o final de sua vida.

No decorrer das décadas sua dedicação foi reconhecida, ainda em vida, como salienta (SAIS, 1984), ao recordar o momento em que o Reverendo Bittencourt o apresentara à Princesa Isabel, dizendo: “Este é o ‘Preto Caxias’, a alma mais caridosa da região!”

O autor comenta ainda que:

a nobre senhora, num gesto dignificante, estende a mão ao preto escravo, e com firmeza, segura aquela mão negra de um escravo, que jamais tivera a oportunidade de tamanha afeição! Pela primeira vez na História do Brasil, um escravo, de público, há de ter sido solicitado pela magnânima Princesa a dar-lhe a mão!

Assim compreendemos o sentido do aperto de mãos representado sobre a lápide do túmulo de Preto Caxias: duas mãos entrelaçadas, (Figura 6), uma branca e a outra negra, referem-se ao aperto de mãos entre o enfermeiro negro e a princesa Isabel. Ao mesmo tempo, funcionam como um reconhecimento pelos serviços prestados em vida à sociedade. Maximiliano do Espírito Santo trabalhou sem cessar e com total dedicação aos doentes do hospital da Santa Casa de Caridade.

A importância de Preto Caxias é também marcada pela escolha do local de seu sepultamento: seu túmulo está localizado na Divisão mais nobre deste cemitério, destacando-se, em uma esquina, no quadrante C da *Primeira Divisão*, de catalogação nº72 e TP (terreno perpétuo), nº62. A vizinhança de seu sepulcro merece ser observada. Ao seu lado, encontramos o sepulcro do visconde de Serro Alegre e sua família; do outro lado, temos o túmulo perpétuo da família de Alexandrino Severino Franco e família. A posição de esquina é normalmente ocupada por jazidos vinculados a famílias de destaque social, como os túmulos de Francisco Ilarregui, do Visconde Ribeiro de Magalhães e do próprio General Antonio de Souza Netto. Portanto, é indubitável que a escolha do local seguiu um critério de valorização social, conferido a um indivíduo provindo de um setor social de pouco prestígio.

Passando mais de um século de sua morte, sua memória e seu túmulo (Figura 5) continuam a exercer um lugar de destaque. A aparência atual de sua edificação funerária foi transfigurada, destacando-se do entorno pelo uso de materiais atuais em relação ao conjunto original em que predomina o mármore e estruturas caiadas. Estes revestimentos modernos acrescentados, que o desfiguraram do ponto de vista arquitetônico, na verdade respondem a uma ressignificação religiosa deste monumento mortuário: tornou-se ponto de oferendas, coberto por placas de agradecimentos, por guirlandas de flores, fitas e velas que uma legião de simpatizantes ali depositam agradecendo supostas graças atendidas. Constitui-se fenômeno análogo ao túmulo da cigana Terena no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.



Figura 5: Túmulo pertencente a Maximiliano Domingos do Espírito Santo
Autoria: Elaine Bastianello 2010.

Dos túmulos inventariados para os estudos, o do Preto Caxias é a única exceção quanto ao material utilizado, pois seu revestimento é atual, empregando piso cerâmico frio, em coloração marrom telha, que destoa do branco acinzentado predominante, dos mármore e estruturas caiadas. A maioria dos túmulos que foram edificados no entorno desses quadrantes, no final do século XIX ou início do século XX, empregavam na sua confecção o mármore de Carrara, como podemos constar (Figura 6) a versão mais antiga encontrada deste túmulo.

Percebemos também a existência de uma espécie de reverência a Preto Caxias, pois seu túmulo sempre foi local de preces e pedidos, não por parte de parentes e sim por parte da comunidade tornando-se a sepultura mais conhecida deste espaço.



Figura 6: Túmulo de Maximiliano Domingos do Espírito Santo na sua suposta primeira versão.
Acervo: Fototeca Túlio Lopes do Museu D. Diogo de Souza

Sua sepultura se torna atípica, no momento em que seu túmulo se torna o único representante de afro-descendente sepultado num espaço privilegiado deste cemitério, pois já verificamos ao relatar a exclusão de José Brunschvig que este espaço estava reservado às famílias de projeção sócio-econômica nesta cidade, e, mais do que isto, àqueles que representavam a ortodoxia cultural católica. E este era o caso do Preto Caxias, que se notabilizou pelos seus serviços de caridade cristã, diferentemente de boa parte dos negros escravos ou forros, que professariam fé de formação afro-brasileira. Portanto, uma questão não obteve resposta concreta desde o início deste estudo: onde foram ou estão sepultados os afro-descendentes contemporâneos a Maximiliano do Espírito Santo?

Conclusão

No *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé*, encontramos uma multiplicidade de etnias sepultadas na área da *Primeira Divisão*, em jazigos marmóreos. Estes monumentos erigidos a memória do sepulto devido o seu valor merecem serem salvaguardados para a posterioridade na sua integridade, pois representam o registro material de uma época. Desta forma, examinar o túmulo do Preto Caxias ou o do Judeu implica deparar-se com a inclusão e a exclusão neste cemitério. Atualmente estes túmulos passaram a ser uma referência neste espaço.

Percebemos que Maximiliano Domingos do Espírito Santo na hora de sua inumação obteve o reconhecimento, enquanto José Brunshvig teve seu corpo rejeitado, sendo banido. Somente passado algumas décadas obteve visibilidade e reconhecimento social. Contudo, esta diversidade étnica encontrava-se amarrada à fé, a clericalização na hora da morte, pois a Igreja católica era quem lhe conferia unidade.

Bibliografia

ARIÈS, P. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. 2 ed. Lisboa: Teorema, 1989.

BATISTA, H. S. **Assim na Morte como na Vida**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

REIS, J. **Apontamentos Históricos e estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.

ROTERMUND, H. **História de Bagé do século passado**. Bagé: CECOM/URCAMP, 1981.

SAIS, J. C. **Tipos populares de Bagé**. Bagé: FAT/FunBA, 1984.

TABORDA, T. A. da C. **O cemitério de Bagé**. *Correio do Sul*, 28 de janeiro de 1973.

VALLADARES, C. do P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Brasília: MEC, 1972.